

**MATERIALISMO E RELIGIOSIDADE EM OS CEGOS
DE MICHEL DE GHELDERODE¹**

***MATERIALISM AND RELIGIOUSNESS IN THE BLIND MEN
BY MICHEL DE GHELDERODE***

Jorge Wilson da Conceição
Mestre em Educação, Arte e História da Cultura²
Universidade Presbiteriana Mackenzie
(jorgewill1@ig.com.br)

RESUMO: Este trabalho apresenta uma análise do discurso no texto dramático *Os Cegos* de Michel de Ghelderode. A fim de entendermos a construção de sentidos no texto do autor belga, nos baseamos na abordagem da semiótica discursiva de linha francesa representada pela teoria de Greimas, e dos linguistas brasileiros José Luiz Fiorin e Diana de Barros. Assim, analisamos os três níveis - fundamental, narrativo e discursivo - do texto dramático. Para isso, na primeira parte, realizamos um mapeamento dos Programas Narrativos que compõem a trama, observando as trocas de papéis entre destinador e destinatário, bem como, percursos de persuasão. Na sequência, trazemos a análise da sintaxe discursiva, verificando os efeitos provocados por recursos de desembreagem e embreagem. E, por fim, estudamos a semântica discursiva e o nível fundamental do texto, para revelar as oposições semânticas presentes no nível abstrato do enunciado. O estudo revela um discurso religioso contra o materialismo, que culmina na punição com morte para os personagens “pecadores” da história, bem como o discurso contraditório de personagens pobres e deficientes em busca de felicidade.

Palavras-chave: Análise do discurso; Semiótica francesa; Teoria de Greimas; Texto Dramático.

ABSTRACT: This paper presents a discourse analysis of the dramatic text *The Blind Men*, by Michel De Ghederode. To understand how meaning is conveyed in the text, we have used the French Discursive-Semiotics approach by Greimas', and the Brazilian researches of José Luiz Fiorin and Diana de Barros. This way, we analyze the three levels of the text: discursive, narrative and fundamental. The first part shows the Narrative Programs, concerned with how characters change their roles as senders and givers, as well as the mechanisms of persuasion. After that, the discursive syntax is studied and focuses the effects due to *engagement* and *disengagement* strategies concerning person, time and place. Finally, the discursive semantics and the Fundamental level of the text are discussed and reveal the semantic oppositions at the abstract level of the enunciation. As for the results, the text shows us a severe religious speech against materialism which punishes the sinners with death, as well as the contradictory speech of the poor and disabled characters who look for religiousness and material happiness.

Keywords: Discourse analysis; French Discursive-Semiotics approach; Greimas' theory; Dramatic text.

¹ Este trabalho tem o apoio financeiro do Programa Bolsa Doutorado da Universidade Presbiteriana Mackenzie e do Programa Bolsa doutorado da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo.

² Esta pesquisa de doutorado em andamento tem o apoio financeiro dos programas *Bolsa Doutorado* da Universidade Presbiteriana Mackenzie e da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo.

Introdução

O texto “Os Cegos”, que foi escrito na Bélgica e em língua francesa, com o título original *Les Aveugles*, apresenta o tema do conflito humano entre valores materiais e espirituais. O que o torna um texto universal e atemporal, portanto de grande importância na contemporaneidade, em tempos de consumismo exacerbado e ceticismo religioso. Como texto de teatro, já ocupou muitos palcos brasileiros, tendo sido montado por muitos grupos teatrais diferentes. Uma breve pesquisa na tentativa de verificar a recorrência deste texto dramático nos palcos paulistanos culminou, entre outras, na descoberta de dois registros interessantes. O primeiro, um relatório final para o CNPQ realizado na ECA/USP sobre o projeto “Teatro Amador”³, revelou que em 1966 já houve um grupo amador que representou essa obra. O segundo registro foi realizado pelo Prof. Alexandre Luiz Mate da Unesp. Sua pesquisa de doutorado sobre a produção teatral em São Paulo nos anos 80⁴, realizada na Faculdade de História da USP, registrou a encenação desse texto com tradução de Anibal Machado, a mesma aqui utilizada, com direção de Moacyr Goes, nos meses de outubro e novembro de 1989. Estes estudos são importantes indicadores da produção teatral de São Paulo, mas não revelam as produções para além do tempo delimitado em seus estudos, bem como para além do território da capital paulista. Muitas outras montagens em todo o território nacional, que utilizaram o texto na íntegra ou partiram dele para criarem suas obras adaptadas, foram encontradas em pesquisa pela internet. É o que revelou a pesquisa no banco de dados do Itaú cultural, que traz o registro de uma montagem em 1958⁵, já com tradução do Anibal Machado e direção de Rubens Corrêa. Esta parece ter sido a primeira montagem do texto no Brasil. Além dos dados apresentados, soma-se a

³ Relatório intitulado A contribuição dos grupos amadores de teatro para a vida cultural da cidade de São Paulo apesar da censura e o controle do Estado. Projeto Teatro Amador, ECA/USP. Disponível em

http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/webform/projetos/bolsistas/21.Relatorio%20final_Luciana%20P%20Silva.pdf, acesso em 15/10/2012.

⁴ A Produção Teatral Paulistana dos Anos 1980 – R(ab)iscando com Faca o Chão da História: tempo de contar os (pré)juízos em percursos de andança. Tese de Doutorado, Anexo I. São Paulo, FFLCH-História/USP, 2008. Disponível em: www.teses.usp.br/.../TESE_ALEXANDRE_LUIZ_MATE_ANEXO1..., acesso em 15/10/2012.

⁵ Informações disponíveis em: http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_teatro/Enc_Cias/dsp_dados_evento.cfm?id_evento=397580&st_evento=Os%20Cegos. Acesso em 20/02/2014.

experiência deste autor em dois processos de adaptação teatral: a primeira resultando em um espetáculo de bonecos, com direção de Jair Assumpção, em 1995; e a segunda que culminou no espetáculo “A Parábola dos Cegos”⁶ em 1998. Como se pode notar, o texto de Michel de Ghelderode tem sua importância na história do teatro no país.

Para este estudo, usamos a tradução de Anibal Machado para o português, que serviu de base para algumas montagens, como vimos, e está publicada no Banco de Peças Teatrais da Biblioteca da UniRio.

Síntese

Personagens:

Três cegos de nascença, peregrinos a caminho de Roma:

De Witte

De Strop

Den Os

Lamprido, o caolho, rei do país dos fossos

Local: Uma estrada em Brabante, perto de uma grande cidade.

Acto Único

Soa um canto. Peregrinos vêm pela estrada. É bastante lento o canto, se bem que entoado por homens de boa saúde. Os peregrinos são cegos, que avançam tacteando com um bastão e segurando um no outro pela ponta do casaco. Eis o canto de marcha: *Congraudeant catholici, letentur cives celici, die ista.*

Com estas informações sobre ‘quem’, ‘o que’ e ‘onde’, Michel de Ghelderode começa a nos contar a história de três pobres cegos peregrinos que querem chegar em Roma para que o Papa faça o milagre de fazê-los enxergar. Originários das cidades de Bruges, Gand e Antuérpia, região de Flandres na Bélgica, seguem por uma estrada acreditando já estarem próximos a Roma. No entanto, estão há dias dando voltas pelos mesmos lugares. Em cima de uma árvore, ouvindo as lamentações dos velinhos e os sonhos que querem realizar quando chegarem em Roma, está Lamprido, o quarto personagem da nossa história, que se apresenta como rei do País dos Fossos, o caolho clarividente. Os cegos pedem esmola, mas em troca ele oferece alimento, hospedagem e orientação aos cegos,

⁶ Espetáculo “A Parábola dos Cegos”, Grupo Salsaparrilha (Guarulhos/SP), com direção de Roberto Mallet, 1998/1999. Prêmios de Melhor Ator, Melhor Direção e 2º Melhor Espetáculo no I Festival Nacional de Teatro da Cidade de Guarulhos (1997); prêmios de Melhor Atriz Coadjuvante e Melhor Maquiagem; e prêmios de Melhor Espetáculo, Direção e Ator no Festival Estadual “Mapa Cultural Paulista”, promovido pela Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo.

que recusam. Mesmo aconselhados de que naquele país havia muitos fossos, pântanos e prados inundados, seguem descrentes da boa vontade e competência de Lamprido para ajudá-los (já que era um ‘aleijado’) e morrem afogados ao caírem num fosso. O rei do País dos Fossos apenas lamenta o infortúnio:

LAMPRIDO - Nada posso fazer por eles! Os fossos são tão profundos! Não cantarão mais os cegos! Acabou-se o seu caminho! Descansem em paz, meus irmãos, no velho barro de que todo mortal é formado. [...] rezarei por vossas almas cegas, pobres ceguinhos. Amém! (Sai. O carrilhão soa alegremente nos confins do crepúsculo). Fim.

Em cena: a sintaxe narrativa

A narrativa tem início com três pobres cegos - de boa saúde, como aponta o autor ao comentar o canto que entoam – que expressam sua vontade de chegar em Roma. Esse é o percurso da ação apresentada:

Strês cegos U O Roma.

O sujeito S, aqui como representação dos três cegos, está em disjunção com O, ou seja, Roma. Neste PN de performance, Roma aparece como valor modal: chegar lá significa adquirir a competência para falar com o Papa, que fará o milagre de fazê-los enxergar novamente. Portanto, num primeiro momento, conseguir o milagre seria o valor descritivo, entretanto vamos verificar que há outros valores modais materiais representados por Roma, sobre os quais voltaremos a falar adiante.

O ‘querer’ ou ‘desejar fazer’ (a viagem) a Roma foi dada a S por um destinador, não especificado no texto, que realizou um *fazer persuasivo*, também não especificado no texto, levando S a um ‘fazer fazer’. Como Barros (2002, p. 48) nos explica:

O fazer persuasivo engloba os procedimentos utilizados pelo destinador para persuadir o destinatário, isto é, para fazê-lo crer e para fazê-lo fazer. O destinador, de forma explícita ou implícita, propõe ao destinatário um contrato, em que oferece valores modais ou descritivos que o destinatário deseja ou teme. O destinatário, em contrapartida, realiza, além do fazer receptivo, um fazer interpretativo, em que põe em jogo modalidades veridictórias e epistêmicas para interpretar a persuasão do destinador e, a partir daí, nele acreditar ou não. O destinatário vai interpretar se o

destinador parece ou não e é ou não confiável, se os valores que ele oferece parecem ou não, e são ou não desejáveis.

Pressupõe-se, assim, um PN de Competência que se deu antes do início da história que lemos. Como afirma Greimas & Courtês (s.d., p. 300 *apud* BARROS 2001; p. 35) ao dizerem que “Um percurso narrativo é uma sequência hipotácica de programas narrativos (abreviados em PN), simples ou complexos, isto é, um encadeamento lógico em que cada PN é pressuposto por um PN.”

Portanto, podemos assumir que havia um enunciado de estado anterior representado por $S_{\text{cegos}} \cup O_{\text{viagem para Roma}}$, e a realização de um enunciado de ‘fazer persuasivo’ que modificou este estado, onde Dor levou Dário a entrar em conjunção com O.

A história do catolicismo, que se confunde com a do cristianismo, nos mostra a construção da crença no milagre divino através de vários exemplos de situações milagrosas narradas tanto no velho como no novo testamento. A Jesus Cristo, como sabemos, é atribuído uma série de milagres durante sua passagem pela Terra, entre elas: a cura de doenças (um parálítico, um leproso, etc); ressuscitação de Lázaro; e a cura de um cego. Tudo isso leva os nossos peregrinos a acreditarem na possibilidade de também conseguirem uma graça. Uma vez que o Papa é o representante maior do catolicismo é ele quem é visto como capaz de realizar o milagre. É por isso que o personagem DEN OS anuncia com alegria: “Aleluia! Vamos ver o Papa em pessoa, o Papa que vai nos fazer um milagre: Dar-nos de novo os nossos olhos!”. Vale observar que é curioso o fato deste personagem dizer “de novo”, já que eles são apresentados pelo autor como “cegos de nascença”. Ao conhecermos um pouco mais os personagens e perceber a luta de poder que existe entre eles para ver quem vai conduzir o grupo, podemos arriscar dizer que nenhum assumia para os outros que era cego de nascença.

A esperança de enxergar leva os peregrinos cegos a querer ‘voltar a enxergar’ e para isso deve fazer a viagem a Roma. Isso nos leva a entender que houve uma modalização da semântica discursiva, onde o destinador (não identificado) levou S a acreditar (ou seja, a um **fazer-interpretativo**) que receberia um valor positivo (a visão), caso cumprisse com o contrato (ir a Roma falar com o Papa). E assim o ‘percurso do destinador-manipulador’ se concretizou. Munido do ‘querer fazer’, S inicia seu PN de Performance.

No PN de Performance há a tentativa de $S_{1\text{três cegos}}$ de transformar seu próprio estado de disjunção com O_{Roma} (enunciado de estado), saindo de sua região de origem, Flandres/Bélgica, em direção a tão sonhada Roma (enunciado de fazer). Para que esse programa tenha sucesso, S precisa adquirir a competência: ‘saber chegar’. E é neste momento, propriamente dito, que começa a peça teatral. Encontramos nossos personagens caminhando há semanas. Eles estão cansados, com fome e sede. E lamentam sua sorte: “Que destino! Caminhar numa estrada de que não enxergamos o fim, cantar uma lamentação num latim que não entendemos!” (DEN OS). Ou seja, eles ainda são sujeitos virtuais: querem, mas não podem realizar sua ação, pois lhes faltam o “saber ou poder”.

A falta do ‘saber’ o caminho certo leva os três pobres cegos a darem voltas por caminhos desconhecidos. Situação que se repete durante semanas, até o momento da cena inicial. Verificamos, dessa forma, o estabelecimento de um novo estado: $S_{2\text{cegos}} \cup O_{2\text{caminho para Roma}}$. Para que S tenha sucesso, portanto, é preciso que ele conquiste a competência de ‘saber’ qual é o caminho certo, ou seja, é necessário que haja uma modalização atualizante do sujeito. Assim S_2 entrará em conjunção com O_2 , o que, por sua vez, levará S_1 a uma relação de conjunção com $O_{1\text{Roma}}$.

Há outro percurso narrativo que devemos levar em conta na análise deste trecho, ou seja, além de S estar em disjunção com o caminho para Roma, está também em disjunção com valores descritivos como: alimento, lugares para descanso e água; “(...) É a fome e a sede, a sede principalmente que nos perturba os sentidos” (DE STROP). Na busca por entrar em conjunção com esses valores, eles começam a gemer, ou seja, implorar por ajuda. Assim esperam que um destinador venha lhes oferecer o valor desejado. Seria o valor desejado, por acaso, alimento e água? É o que veremos logo a seguir.

É nesse contexto que aparece Lamprido, que poderá, ou não, mudar a sorte desses sujeitos virtuais. No entanto, a situação inicial se inverte... Num percurso de manipulação por tentação, os cegos passam a figurar como destinador que tenta levar Dário a ‘querer fazer’ (dar esmolas), mas não conseguem: “Os três - (Tomando ares de mendigos salmodiando em falsete) Aqui está o bondoso cristão!

Tende piedade de pobres ceguinhos, grandes pecadores; piedade de calamitosos peregrinos, peregrinando neste vale de lágrimas; tende piedade de nós!”

Assim obtemos o seguinte percurso de manipulação: **Dor_{cegos} Fazer persuasivo por sedução (faz fazer) → Dário_{Lamprido} fazer interpretativo**

Podemos dizer que Dário em seu fazer-interpretativo avaliou como não confiável o destinador e como não desejável o valor oferecido.

Na sequência, Lamprido, agora destinador, oferece um valor descritivo (alimentos: frutas e ovos de pata), que como sabemos era desejado por S. Isso, por sua vez, daria condições aos peregrinos de continuar sua jornada e, portanto, entrar em conjunção com o O_{Roma} . É, pois, de se esperar que S entre em conjunção com o valor oferecido e o programa de manipulação se realize, mas o que acontece é exatamente o contrário, S se recusa a aceitar. Vemos então que o valor desejado, na verdade, é outro (esmola, dinheiro). O destinador, no entanto, nega-lhes não só esse valor, como afirma ser impossível S entrar em conjunção com O_{Roma} : “Lamprido - Sou Dom Lamprido, rei do país dos fossos, homem sábio que fica pendurado numa árvore em vez de caminhar tolamente para uma Roma aonde vocês jamais chegarão. Pedem esmola? Vou dar-lhes maçãs, pêras, ameixas, pêssegos, mel, ovos de pato”.

Assim S continuará em \cup com O_{esmola} e em \cup com O_{Roma} , o que poderá desencadear um percurso passional em S. Voltaremos a falar sobre isso mais adiante.

Em virtude da negação de S em relação aos valores oferecidos, Lamprido propõe valores modais: conselho e ajuda. É importante notar que o leitor é levado a pensar que esses valores podem levar Dário a entrar em conjunção com $O_{caminho\ para\ Roma}$. No entanto, mais uma vez esses valores são recusados. O sujeito acredita que não precisa deles, como vemos na fala de DE WITTE: “- Não precisamos nem de ajuda nem de conselhos! Por mais cegos que sejamos, os três juntos enxergamos bem claro.”

Diante de nova recusa, e caso o encontro entre destinador (Lamprido) e destinatário (cegos) terminasse aqui, poderíamos imaginar a continuidade do estado inicial de S, antes da entrada de Lamprido, a saber: os três cegos continuando sua jornada errante, caminhando pelos mesmos lugares, dando voltas sem fim, sem nunca chegar a Roma.

Lamprido, todavia, não se dá por satisfeito e quer uma vez mais interferir na trajetória daqueles cegos. Para mostrar a sua superioridade e conseguir a confiança deles, se apresenta como rei do país dos fossos, o caolho clarividente: “É preciso acreditar em mim, porque, sendo caolho, tenho a vantagem de ver com um olho; mas um só olho basta. Há muitos cegos no país dos fossos. Onde sou rei, eu, caolho clarividente.”

Apesar do apelo, e da argumentação do destinador, o sujeito não demonstra a menor abertura para aquele que lhe negou o valor desejado (esmola, dinheiro). Pelo contrário, os novos dados sobre o destinador (caolho; clarividente) se tornam motivos para críticas e chacotas (aleijado; farsante). Levando a recusa às últimas consequências, os cegos querem expulsar o intruso, batendo nele, mas terminam por bater uns nos outros.

A relação de recusa, grosseria, até mesmo agressividade, dos cegos em relação ao destinador, percebida até aqui, faz pensar que a modalização do ser produziu um efeito passional em S, como sugerido por Barros (2001, p. 48):

Para se entender a frustração e a decepção, devem-se prever estados passionais anteriores e transformações que desemboquem nas situações de frustração e decepção. Só um sujeito que ambicionar um objeto-valor e que acreditar poder obtê-lo sofrerá a frustração, se não o conseguir; só o sujeito que esperar de outro a realização de suas aspirações ficará com ele decepcionado, se elas não se concretizarem.

Dessa forma, este estado passional anterior se dá no início da relação Dor e Dário, como apontamos lá atrás, em que S queria o objeto-valor (esmola, dinheiro) “por cobiça, ambição ou desejo” (BARROS, 2001) e que, acreditando poder obtê-lo e não conseguiu-lo, entrou num estado passional de frustração ou decepção com o Dor, uma vez que este não concretizou suas aspirações. Esta leitura pode ser expandida ao O_{Roma}, ou seja, ao invés de busca do milagre, observamos outros valores modais, como ‘boa vida’ e ‘diversão’, presentes na fala de DE WITTE: “[...] lá beberemos até não poder mais, comeremos à farta, e dormiremos e dançaremos...”

Doloridos e exaustos, depois de apanharem de seus cajados, os cegos aparentam maior humildade e parecem estar abertos quando Lamprido se dispõe a fazer uma caridade. Mais uma vez, no entanto, eles pensam em dinheiro. O destinador faz aqui uma sanção negativa, desmascarando os três cegos “Nem um vintém, nem um tostão roído! O hálito de vocês bem me diz que adoram a pinga.”

Ainda assim, ele novamente propõe um contrato: S deve acreditar em Dor, seguir seu conselho, aceitar sua ajuda, e em troca ele salvará S de uma tragédia iminente:

Ouçam-me: Vou, caridosamente, desviá-los da desgraça iminente (SILÊNCIO. OS TRÊS ESCUTAM, BOQUIABERTOS) O sol vai se pôr, as brumas sobem, violáceas... Há semanas que vos vejo passar e repassar por estes caminhos que de maneira alguma levam a Roma.... Vocês não deixaram o Brabante e os sinos que ouvem são os da torre de S. Nicolau, de Bruxelas. Pela minha única vista, descubro daqui os muros da cidade, as torres de Santa Gúdula e o famoso São Miguel guerreiro, todo dourado, em cima da flecha da sua torre de pedra.

Mais uma vez esse valor não é aceito por S, que acusa Dor de estar caçoando e mentindo para eles, o que equivale dizer que, ao realizar um fazer interpretativo, Dário não vê Dor como confiável; e que o valor oferecido, mais uma vez, não interessa a ele.

Incansável, Dor tenta mostrar-se confiável e convencê-los de que seu valor (conselho, ajuda) é desejável:

Pela última vez vos digo: estão no país dos fossos e a estrada é toda cheia de pântanos e prados inundados. Um passo em falso e desaparecerão! Dentro em pouco descerão as trevas. Vou tomá-los pela mão e conduzi-los ao refúgio da abadia, onde passarão a noite. Eis uma oportuna caridade, e a única que eu quero fazer...

Mas de nada adianta. Os cegos não dão ouvidos a ele e decidem partir, afirmando: “Embora cegos, temos dignidade! Acha que vamos aceitar auxílio de um caolho? Havemos de entrar em Roma, esta noite ainda!” (De Strop). Dessa forma, o segundo percurso da narrativa destinador-manipulador não se concretiza.

O que acontece a seguir é um percurso de sanção negativa por parte do destinador Lamprido. Uma vez que S não aceitou o contrato, nem demonstrou abertura para fazê-lo, Dor deixa que S seja vítima de sua própria sorte. O sujeito, então, é punido com a morte.

Em foco: sintaxe e semântica discursivas

A instância da enunciação no texto de Michel de Ghelderode nos permitirá entender qual discurso, ou quais discursos, estão presentes no texto. Como sabemos, todo texto produz um discurso, ou seja, o discurso é fruto da enunciação, que pressupõe: enunciador – enunciatário – enunciado. Nosso objeto de análise é o enunciado, fruto da enunciação, e o objetivo é encontrar as marcas que o autor

deixou no enunciado para a construção do discurso. A partir disso, vamos observar como se dá as estratégias de desembreagem / embreagem: actorial, temporal e espacial; e analisar os efeitos que essas estratégias geram na discursividade.

Sintaxe discursiva

Diferente de uma encenação teatral - na qual poderíamos ver três cegos entrando em cena, cantando, e falando o texto teatral - temos no texto impresso duas informações iniciais que nos são dadas pelo autor: apresentação dos personagens e local. A primeira delas revela uma desembreagem actorial enunciativa: 'eles' (Três cegos de nascença, peregrinos a caminho de Roma: De Witte; De Strop; e Den Os - e Lamprido, o caolho clarividente, rei do país dos fossos). O narrador se coloca como observador dos fatos, criando efeito de objetividade, buscando gerar confiança no leitor. A segunda informação é o 'onde' se passará a cena (Uma estrada em Brabante, perto de uma grande cidade.), que por sua vez revela uma desembreagem espacial enunciativa: 'lá'. Entretanto, o uso do verbo 'vem' em lugar de 'vão', indica uma desembreagem enunciativa, para perto do 'aqui', dando a impressão de que os cegos vêm na direção dele, narrador, o que reforça a estratégia de aproximação. Outro recurso é a desembreagem do tempo: 'agora'; pelo uso do presente do indicativo na descrição da cena inicial, com os verbos: 'soa, vê, é, são, avançam'; como vemos a seguir:

Soa um canto. Peregrinos vêm pela estrada. É bastante lento o canto, se bem que entoado por homens de boa saúde. Os peregrinos são cegos, que avançam tacteando com um bastão e segurando um no outro pela ponta do casaco. Eis o canto de marcha: *Congaudeant catholici, letentur cives celici, die ista.*

Sabemos que a história se inicia em uma estrada em Brabante, uma das cinco províncias de Flandres, região norte da Bélgica. Mas as estratégias de desembreagem espaço-temporal causam efeito de realidade e de proximidade com o leitor. A desembreagem actorial reforça esse sentido, já que temos a impressão de que o narrador realmente está presenciando o acontecido, ou seja, "aconteceu de verdade". É como se o enunciador deixasse claro ao enunciatário que 'eles-lá-então' poderia perfeitamente ser 'nós-aqui-agora'. Entretanto, a presença do narrador no início da cena marca o único momento desse tipo de desembreagem no texto: desembreagem enunciativa de 1º grau - autor explicitamente instalado.

Na análise do percurso narrativo, usamos S para representar os três cegos, isso se justifica pelo fato de termos três personagens que percorrem o mesmo trajeto narrativo, tendo o mesmo objeto em comum, desempenhando juntos ora o papel de Dor ora de Dário. Isso se reforça agora que estamos olhando para a sintaxe discursiva, já que podemos constatar que os três cegos usam a desembreagem actorial enunciativa ‘nós’, referindo-se a este ‘eu’ coletivo, como no início do ato: “Quando um de nós para, os três devemos parar; e quando um canta devemos cantar; ou quando um anda andamos os três...”. Isso mostra que eles se percebem como um só, muito provavelmente por viverem a mesma condição biológica (a cegueira), a mesma condição social (pobreza, miséria) e a mesma situação atual de junção com o objeto desejado (disjunção com Roma). Fiorin (2010, p. 97) afirma que “Neste caso, uma posição coletiva é assumida por alguém que se coloca como seu porta-voz, mas também como seu participante”. Como podemos confirmar no uso de verbos e pronomes de primeira pessoa do plural presentes em outros trechos do texto, como os exemplos abaixo:

“Nosso sofrimento, nossa fome, nossa sede vão acabar, eu sei.”

“Aleluia! Vamos ver o Papa em pessoa, o Papa que vai nos fazer um milagre: Dar-nos de novo os nossos olhos!”

“- Não precisamos nem de ajuda nem de conselhos! Por mais cegos que sejamos, os três juntos enxergamos bem claro.”

“- Sim, sim... somos cegos, não surdos.”

Cansados e perdidos, não só espacialmente, como também em relação ao canto que entoam (“Que destino! Caminhar numa estrada de que não enxergamos o fim, cantar uma lamentação num latim que não entendemos!”), portanto levados pelo desespero, tentam encontrar ajuda através do gemido, como um pedido de socorro: “Companheiros de miséria, proponho gemer os três com todas as nossas forças. Talvez nos ouça alguém, lá pelas nuvens ou na terra. Vamos gemer! Miserere!”

Ou seja, há uma busca pelo outro, aquele que os pode salvar daquela situação. Outro que pode ser tanto Deus (“alguém lá nas nuvens”) quanto um homem (“ou na terra”). A primeira desembreagem enunciativa acontece então com a entrada do que eles entendem naquele momento ser o “eco”, e que depois saberemos se tratar do rei do país dos fossos, o caolho Lamprido. Este, num percurso de manipulação tenta e consegue convencer os cegos de que há mesmo

eco naquela região, imitando a voz do 'ele' (eco) em lugar de 'eu'. Os cegos ficam confiantes e continuam a conversar com este 'ele'. Entretanto, logo em seguida, o 'ele' passa a ser 'eu', se apresentando pessoalmente quando Den Os pergunta de seu paradeiro, ao que Lamprido responde: “- Numa árvore da qual descerei para ser-lhes agradável. Sou uma voz que tem patas e chegarei até vocês”.

A análise acima permite concluir que a estratégia de desembreagem foi utilizada para reforçar ainda mais no leitor a sensação de miséria dos personagens e causar efeito de aproximação ou identificação com sua dor. Podemos dizer ainda que S está sem esperanças de ser ouvido por um destinador que venha oferecer os valores desejados e a competência para entrar em conjunção com O, já que não há resposta aos seus apelos. Ou seja, este é o primeiro indício de contradição no discurso dos cegos de terem fé no Deus católico e no ser humano (milagre; Papa). Entretanto, encontramos outros desdobramentos desse tipo de desembreagem enunciativa em que S volta a colocar suas expectativas no outro, veja abaixo:

DE STROP – [...] Estamos nas montanhas! E esse pintor que nos pintou faz pouco, e que esteve na Itália, não disse que devíamos atravessar as montanhas? Como se chamava o pintor, aquele esquisitão que nos deu um florim?

DE WITTE - Acho que era um tal de Brueghel... Ele disse que passando as montanhas, já não estávamos longe de Roma.

DEN OS - Disse também que podíamos andar sem medo nem receio que de qualquer jeito acabávamos chegando, porque todos os caminhos vão dar a Roma.

Como podemos observar, há uma confiança dos cegos em relação ao destinador (Brueghel), que fica evidente, pela crença que eles têm de que o pintor os orientou corretamente sobre “como ir para Roma”.

Agora observe:

DE WITTE - Bem que eu pressentia, é um homem! ‘Tanto melhor, ele nos dará esmola’. Vejo-o que vem chegando: é um grandalhão de chapéu redondo.

[...]

LAMPRIDO - (ENTRANDO) Aqui estou, minha gente.

OS TRÊS - (Tomando ares de mendigos salmodiando em falsete) ‘Aqui está o bondoso cristão!’ Tende piedade de pobres ceguinhos, grandes pecadores; piedade de calamitosos peregrinos, peregrinando neste vale de lágrimas; tende piedade de nós!

A expectativa em relação ao outro novamente fica evidente em “ele nos dará esmola.” O que causa estranhamento, já que apesar da fome, da sede e do cansaço, o valor desejado é a esmola.

Em “aqui está o bondoso cristão” temos ‘aqui’ como desembreagem espacial enunciativa, com sentido de aproximação. O eco agora é não é mais um ser abstrato, uma voz que vem de algum lugar. Ele é um sujeito: o bondoso cristão. A estratégia de bajulação, de enaltecimento de valores do outro, tem o objetivo de manipulação para se conseguir o valor desejado.

Essa leitura de que os valores desejados estão no outro se verifica também na desembreagem espacial. O que é claramente identificado no ‘aqui’ como espaço do sofrimento, da dor, fome, miséria, etc.: “[...] piedade de calamitosos peregrinos, peregrinando neste vale de lágrimas”.

A desembreagem enunciativa do ‘aqui’, portanto, está ligada a valores semânticos negativos e fará oposição a desembreagem espacial enunciativa do ‘lá’. Esta, ao contrário, representa o vir-a-ser, a esperança de dias melhores, como se lê em:

DE STROP - Não percam a esperança! Nosso sofrimento, nossa fome, nossa sede vão acabar, eu sei. [...] Amigos da minha dor, fiquem sabendo: já não estamos longe de Roma!

DEN OS - Aleluia! Vamos ver o Papa em pessoa, o Papa que vai nos fazer um milagre: Dar-nos de novo os nossos olhos!

DE WITTE - Aleluia! Vamos ver um montão de maravilhas... Ou então não veremos nada! O certo é que Roma é a cidade mais admirável da cristandade, e que lá beberemos até não poder mais, comeremos à farta, e dormiremos e dançaremos... Sei, de boa fonte, que esses Romanos são de natural alegres e amigos dos prazeres. E nunca mais voltaremos para Flandres. Eu me planto nos degraus da basílica, e acabo meus dias, ao sol.

Na fala de DE STROP, A desembreagem espacial anuncia Roma, ou seja, ‘lá’ está ligada a valores semânticos positivos: fim do sofrimento, da fome, da sede. Na fala de DEN OS, ‘lá’ representa ver o Papa e conseguir o milagre de ver novamente (ainda que nunca tenham enxergado). E, finalmente, vemos na última fala de DE WITTE, em ‘lá’ a concretização de um discurso do bom viver, do conforto e da fartura, concretizado em: beberemos; comeremos; dormiremos; dançaremos; alegres; prazeres; acabo meus dias ao sol. Como é possível notar, ‘lá’ é o lugar da

conjunção com o valor descritivo felicidade. S só terá sucesso, e só será feliz, caso chegue 'lá'.

A análise da desembreagem temporal também reforça o sentido que encontramos até aqui nas desembreagens actorial e espacial. Observe:

DE WITTE - (Cantando as últimas palavras) Die ista... (falando) e agora? Por mim, eu paro! Se a nossa canção de peregrinos agrada a Deus, não comove as pedras do caminho. Meus pés estão sangrando e tenho a garganta seca que nem uma cratera.

Aqui, a desembreagem temporal enunciativa do agora aparece expressa nos verbos: paro, agrada, comove, estão sangrando, tenho. Elas indicam o momento presente e estão ligadas ao sofrimento vivido, que equivalem a valores semânticos negativos. O agora não é bom. Só quando chegar o então é que haverá felicidade, como observamos abaixo:

DE STROP - Não percam a esperança! Nosso sofrimento, nossa fome, nossa sede vão acabar, eu sei. [...]

DE STROP - Aleluia! Vamos ver a estátua de São Pedro!

DEN OS - Aleluia! Vamos ver o Papa em pessoa, o Papa que vai nos fazer um milagre: Dar-nos de novo os nossos olhos!

DE WITTE - Aleluia! Vamos ver um montão de maravilhas... Ou então não veremos nada! O certo é que Roma é a cidade mais admirável da cristandade, e que lá beberemos até não poder mais, comeremos à farta, e dormiremos e dançaremos...

Há, nessas falas, vários verbos que indicam o tempo vindouro onde estão repousados valores de felicidade, como: (nossa fome, nossa sede) vão acabar; vamos ver (a estátua de São Pedro); vamos ver (o Papa); vai nos fazer (um milagre); vamos ver (um montão de maravilhas); beberemos (até não poder mais); comeremos (à farta); dormiremos; dançaremos.

De um lado, vemos que os procedimentos de desembreagem, sejam actorial, espacial ou temporal, estão a serviço do estabelecimento dos opostos infelicidade (eu-aqui-agora) X felicidade (ele-lá-então); miséria (eu-aqui-agora) X fartura (ele-lá-então); e dor X conforto.

Entretanto, ao analisarmos alguns valores figurativos, podemos fazer uma outra leitura de oposições presentes no texto.

Semântica discursiva

Passamos agora a estudar no presente texto os procedimentos de figurativização e tematização. O caráter narrativo do texto, permite antecipar a ocorrência de ambos percursos, caracterizando-o assim como um texto temático-figurativo.

O sujeito S, como representação desde o início desta análise dos três cegos peregrinos, ganha figurativização que ampliam nossa compreensão sobre o sujeito e seu lugar na sociedade. A princípio sabemos tratar-se de: homens de boa saúde, cegos, peregrinos. A situação de pobreza e miséria, homens despidos da saúde (cegueira) e de um lar (peregrinos), ainda que saudáveis, leva-os ao desejo de mudança de estado, ou seja querem passar a ser: não-cegos; não-peregrinos; não-pobres; etc. A imagem de Roma, São Pedro e Papa, bem como a sonoridade dos sinos e carrilhões, com todo contexto religioso que pressupõe, nos remete ao caráter religioso desses pobres seres. Assim, há um efeito de aproximação subjetiva com o eu da enunciação-enunciada, pela identificação do leitor com os personagens centrais: seres humanos que sofrem na pobreza e na dor, e que mantém sua fé cristã.

Apontamos acima uma leitura de que S entende que os valores desejados sempre estão no outro, o que é reforçado aqui ao se verificar a figurativização espacial. O 'aqui' é a representação do sofrimento:

“[...] Se a nossa canção de peregrinos agrada a Deus, não comove as pedras do caminho. Meus pés estão sangrando e tenho a garganta seca que nem uma cratera.”

“[...] piedade de calamitosos peregrinos, peregrinando neste vale de lágrimas;”

As pedras do caminho, pés sangrando e vale de lágrimas são procedimentos de figuração que representam valores semânticos de dificuldade, sofrimento, dor, vida difícil, desespero, etc. Essas imagens concretizam o tema da miséria social, já apontado anteriormente, promovendo uma relação corporal com o discurso.

Com já foi dito, os três cegos peregrinos tentam realizar um PN de Performance, ou seja, passar de um estado a outro. Quem busca Roma, é visto como aquele que quer se redimir dos seus pecados, como aquele que busca se

“religar” com Deus. A busca do milagre da cura para a cegueira parece, a princípio, coerente com o histórico da fé católica na realização de milagres. Nessa perspectiva, seria muito justo que um seguidor da fé cristã tivesse esperança de que um milagre fosse feito. No entanto, nossa percepção sobre os pobres cegos logo muda em virtude de elementos figurativos como os observados no trecho abaixo:

DEN OS - AH! Se esse eco nos quisesse dar uma esmola, ou pelo menos nos arranjar um canecão de cerveja escura!

[...]

DE WITTE - Aleluia! Vamos ver um montão de maravilhas... Ou então não veremos nada! O certo é que Roma é a cidade mais admirável da cristandade, e que lá beberemos até não poder mais, comeremos à farta, e dormiremos e dançaremos... Sei, de boa fonte, que esses Romanos são de natural alegres e amigos dos prazeres. E nunca mais voltaremos para Flandres. Eu me planto nos degraus da basílica, e acabo meus dias, ao sol.

[...]

DE STROP - Nada disso! Queremos dinheiro!

Esmola; dinheiro; canecão de cerveja escura; bebida, dança, dormir bem – todos são elementos que distanciam o sujeito de valores espirituais e indicam o apego ao que é material. Terminar os dias ao sol, como diz De Witte, revela o desejo de boa vida por parte do sujeito. Ou seja, vemos a máscara da religião cair frente ao desejo de S de entrar em conjunção com o objeto modal ‘dinheiro’ (esmola), que permitirá aos cegos entrar em conjunção com o objeto valor Roma. É, portanto, valor que representa a felicidade.

Entretanto, eles estão em território perigoso. O personagem Lamprido, na tentativa de dissuadi-los dessa busca sem propósito e ilusória, alerta-os do perigo iminente figurativizado pelas imagens: fossos; estrada toda cheia de pântanos e prados inundados. Entretanto, os cegos não acreditam no estrangeiro, pelo contrário, mostram seu caráter desrespeitoso ao caçoar de Lamprido por ser ele caolho, aleijado e farsante.

A cegueira é uma metáfora da condição humana, como diz o ditado: O pior cego é aquele que não quer ver. Apesar da insistência de Lamprido, ele não consegue fazê-los “enxergar”. Den Os chega a afirmar: “Nossos longos cajados têm olhos e nos descrevem os aspectos das campinas”. Cajados com olhos é a representação do isolamento social, eles não querem e não precisam de ajuda, conseguem enxergar muito bem.

O fim é inevitável. Esgotadas todas as possibilidades de manipulação por parte do destinator Lamprido, os cegos seguem sua jornada. Mais adiante, eles caem num fosso inundado e morrem:

LAMPRIDO - Nada posso fazer por eles! Os fossos são tão profundos! Não cantarão mais os cegos! Acabou-se o seu caminho! Descansem em paz, meus irmãos, no velho barro de que todo mortal é formado. A noite avança. Vou ganhar de novo a minha árvore, onde, por entre os pássaros adormecidos, rezarei por vossas almas cegas, pobres ceguinhos. Amém! (SAI. O CARRILHÃO SOA ALEGREMENTE NOS CONFINS DO CREPÚSCULO).

Cair no buraco, pode ser visto como metáfora para ‘se afundar na vida’, ou ‘cometer um erro, errar’, em contexto religioso ‘pecar’. Na passagem, vemos a imagem “fossos profundos” como representação de ‘buraco sem saída’, ‘caminho sem volta’, ou mesmo ‘pecado mortal’, ‘sem salvação’; e “barro de que todo mortal é formado” como representação da ‘morte’. Esta frase nos remete a Padre Antonio Vieira (2008), no Sermão da Quarta Feira de Cinzas, que nos lembra que somos pó, e em pó nos converteremos (*Pulvis es, tu in pulverem reverteris*). Entretanto, não foi o destino da humanidade de virar pó que causou a morte dos personagens, e sim sua cegueira. A figurativização de ‘almas cegas’ reforça que a cegueira dos peregrinos não era apenas física, e sim espiritual.

Interdiscursividade: Brueghel e a parábola bíblica

“Pode um cego guiar outro cego? Não cairão os dois no buraco?”

(Lucas 6:39)

A parábola bíblica foi o ponto de partida do pintor Pieter Brueghel para criar seu famoso quadro “A Parábola dos Cegos”, que por sua vez contaminou Michel de Ghelderode. A interdiscursividade é evidente nos três textos. A ideia de que um cego não pode guiar outro aparece de forma clara tanto texto bíblico e na pintura do Velho Brueghel, quanto no texto dramático de Ghelderode. O dramaturgo chega a colocar Brueghel no meio da história, como contemporâneo dos cegos e alguém que os orientou sobre como chegar a Roma. Ghelderode, porém, amplia a parábola acrescentando um tema muito caro até os dias de hoje, e porque não dizer “principalmente” nos dias de hoje: o materialismo exacerbado. O consumismo desenfreado é muitas vezes uma forma de compensação ao vazio humano. O pior

cego é aquele que não quer ver, diz o ditado, reforçado no texto analisado, uma vez que os três cegos não aceitam sua condição e aspiram uma realidade impossível de ser alcançada. Longe de estarem em busca de valores religiosos positivos, desejam o conforto da saída fácil e sem esforço.

Finalizando a análise: o nível fundamental

Vamos agora analisar os conjuntos de significados semânticos oriundos da análise da semântica discursiva para compreensão do nível fundamental desse texto.

De um lado temos valores semânticos relacionados com a espiritualidade, representados primeiramente pela simbologia presente no objeto de busca do sujeito: Roma. É em Roma que o Papa lhes fará o milagre de devolver-lhes a visão. O universo da fé cristã católica está presente nesses ícones: Roma e Papa. Além destes, milagre como representação da cura; bondoso cristão; pecados; entre outros. Esses valores semânticos encontrados no texto são valores “positivos” do cristianismo, ou seja, algo bom e desejado. Por outro lado, os valores materiais encontrados remetem a negação do espírito; portanto, trata-se de valores semânticos que nos permitem uma leitura da cegueira como fruto da busca material dos três cegos que não aceitam valores outros que não a esmola, o dinheiro. A incapacidade de “ver” com a alma e conseqüente incapacidade de religação com Deus, assim temos: valores religiosos X valores materiais; que refletem as **oposições semânticas: religiosidade e materialidade.**

Considerações finais

A análise do texto de Michel de Guelderode pelo viés da semiótica francesa abriu espaço para um olhar plural, identificando em diferentes níveis de construção de sentido uma coesão que permeia toda a obra.

Este breve estudo não esgota todas as leituras possíveis dessa obra, antes tem o objetivo de lançar luz à oposição semântica **materialismo X religiosidade** que está presente no discurso do enunciado.

O tema apresentado pelo autor nos leva a refletir sobre a nossa própria condição humana, observando como essa problemática se dá nos dias de hoje e na

sociedade contemporânea. O que mostra quanto atual é o texto que foi escrito em 1933.

Para finalizar, vale dizer que o estudo reforça a importância deste texto teatral e seu caráter de texto atual, visto tratar de questões ainda presentes na sociedade contemporânea,

Fica evidente a importância da análise pelo viés da semiótica estruturalista de Greimas para uma compreensão profunda de textos teatrais, o que pode ajudar até mesmo grupos que fizerem uso de análises como esta para entendimento da obra durante seus processos de criação.

Referências

BARROS, D. L. P. de. **Teoria Semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2001.

_____. **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

_____. A comunicação humana. In FIORIN, J. L. (org). **Introdução à linguística**. São Paulo: Contexto, 2002.

FIORIN, J. L. **As astúcias da enunciação**. São Paulo: Ática, 2010.

GHELDERODE, M. Os Cegos. Trad. de Anibal Machado. In **Revista Cadernos de Teatro** nº 68/1976. Rio de Janeiro: UNIRIO, 1976.

SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL. **Bíblia Sagrada** – Nova versão internacional. São Paulo: SBI Brasil, 1993.

VIEIRA, A. **Sermões**. São Paulo: Loyola, 2008.

Recebido em 11 de março de 2014
Aprovado em 25 de setembro de 2014